

## **Palestina e a solidariedade internacionalista.**

A um ano do 7 de outubro, o genocídio palestino converteu-se numa imagem cotiã *mais* do que o imperialismo tem que oferecer à humanidade. Frente a esta barbárie, todo obreiro consciente tem que perguntar-se qual é o seu papel para com a libertação palestina, que supom a solidariedade internacionalista. Neste tempo surgiu um movimento solidário hegemonizado pelas concepções socialpacifistas baseado em pressionar aos Estados imperialistas, apelando a eles como interlocutores legítimos para resolver a *questom palestina*, o que consequentemente leva ao legalismo e o possibilismo. Umha lógica *pragmática* que remata por coludir com a falsa *soluçom* dos dous Estados, essa *coexistência pacífica* que recentemente defendeu Sanchez no seu encontro com o carcereiro Mahmoud Abás. A complicidade de ambos com o extermínio palestino nom expressa senom o significado real desse programa. Porque a natureza da opressom colonial que exerce Israel fai a sua mesma existência incompatível com a emancipação nacional palestina, refutando toda ilusom dumha resolução *pacífica* do conflito.

O Estado sionista é um baluarte da reação a nível mundial, indissociável dos interesses da burguesia monopolista *ocidental*. Atuando como correia de transmissão de Estados Unidos em Oriente Médio, enxerta-se sobre Palestina como um parasito, colonizando o território baixo um plano de extermínio. Como elo insubstituível da cadeia imperialista, o seu carácter reacionário tem ainda mais projeçom, reforçando a sua estrutura económico-militar, como exemplificam os *Acordos de Abraham*. O Estado espanhol nom queda fora deste tipo de pactos entre canibales, cooperando com os serviços de inteligência sionistas para beneficio da repressom interna e externa. Israel, criado expressamente como linha de *defensa* do imperialismo, serve-se da guerra de extermínio contra os povos, como amossa a *nova fase da guerra* cara o Líbano. Nom é casual como **a reação mais ultra saúda ao sionismo, pois a sua ideologia étnico-nacionalista acirra o racismo —especialmente o anti-árabe—** sementando a desconfiança entre os povos e a discórdia entre os explotados. Porém, no médio deste oceano de reação, a luta palestina rememora poderosas liçons para o combate anti-imperialista.

O movimento de libertação nacional palestino, nesta época de *impasse* entre dous Ciclos da Revolução Proletária Mundial (RPM), lembra-nos que a pesar de tudo, *o imperialismo é um tigre de papel* que pode ser derrotado militarmente. Frente à superioridade tecnológica das forças israelitas, umha linha política capaz de mobilizar massas pode anegar as suas defensas e resistir, como provam respetivamente o 7 de outubro e a insurgência mantida frente o terrorismo sionista. Isto é expressom particular dum princípio mais geral da luta de classes: que **toda classe precisa dumha linha militar para defender os seus interesses e objetivos**. Nenhum movimento de corte emancipatório pode esquecer isto. A heroicidade das massas obreiras e campesinas palestinas em luta contra o fascismo sionista inscreve-se nas gestas dos povos oprimidos da história; porém, o carácter burguês do movimento de libertação nacional palestino presenta limites objetivos na sua **justa luta pola autodeterminaçom**, porque as condições particulares da opressom nacional, com a metrópole colonial implantada sobre o seu território, exigem **destruir militarmente o Estado sionista**. E para a consecução deste programa, o movimento deve partir dumhas premissas diferentes às que hoje som hegemónicas naquelas terras, deve assentar-se **numha linha política internacionalista independente**, pois a *questom palestina* tem coma **único horizonte realista para a sua verdadeira resolução** a revolução de novo tipo dirigida polo proletariado. A condição desta revolução é a criação do Partido Comunista, que apoiando-se nas classes oprimidas polo imperialismo desenvolva umha linha de Guerra Popular para a destruição do Estado sionista e a construção das bases de apoio dumha república democrática, unitária e internacionalista *desde o rio ata o mar*.

Porém, nom é possível a transformação direta e imediata da *resistência nacional* em *guerra revolucionária*. A pergunta que se nos formula entom é: que podemos fazer desde aqui para que aquele horizonte seja umha realidade? Em que se traduz a verdadeira solidariedade proletária coas massas esmagadas polo imperialismo em Oriente Próximo? Se nom há continuidade entre resistência e revolução, o verdadeiro internacionalismo requer de nós que contribuamos à criação dum movimento revolucionário internacionalista, cuja primeira pedra é a reconstituição do comunismo. Décadas de liquidação da consciência revolucionária do proletariado anularom a sua capacidade de atuar como sujeito independente, ponhendo fim ao Ciclo de Outubro. Esta liquidação da-se a nível histórico, geral, internacional, de modo que superar o estado de subordinação do proletariado requer extrair as liçons universais da sua experiência mediante o Balance do Ciclo. Dito doutro modo, o primeiro requisito de toda empresa revolucionária dirigida polo proletariado, incluída a libertação nacional palestina efetiva, é **reconstituir a cosmovisom revolucionária da nossa classe e a Linha Geral da RPM**. Polo tanto, reconstituir o comunismo é o melhor exercício de solidariedade internacionalista que podemos ter com o povo palestino e é desde esta perspectiva que podemos integrar as liçons da sua heroica luta contra o imperialismo, assim como colaborar à sua defesa e promoção. E neste processo é indispensável a luta de duas linhas contra o socialchauvinismo, o socialpacifismo e toda outra forma de reformismo no movimento obreiro, pois todas elas som parte do *muro* que obstaculiza a libertação nacional palestina.

**Abaixo o Estado sionista!  
Viva o movimento de libertação nacional palestino!  
Impulsemos o internacionalismo proletário!**

**Comité pola Reconstituição.**  
27 de setembro de 2024